



PARTICIPAR PARA QUÊ? REFLEXÕES SOBRE O ENVOLVIMENTO DISCENTE DURANTE O ENSINO REMOTO

Milena Sávio Pastorini Paz¹

Andressa Luana Felichak²

Bárbara Grace Tobaldini de Lima³

Rosemari Aparecida Talini de Moura⁴

Resumo

A pandemia alterou o modo de vida de toda a sociedade e em todas as suas instâncias, inclusive na educação, instância na qual houve a necessidade de desenvolver uma nova forma de ensinar e aprender, e de interagir com colegas apenas pelo meio virtual. Como consequência do ensino remoto, perdeu-se o contato humano, algo tão característico da escola, mas que se tornou um risco à saúde de servidores e estudantes. A adoção da modalidade remota foi fundamental, mas trouxe consigo as desigualdades sociais de modo mais acentuado, assim como as problemáticas escolares, que não são novidades, apenas receberam novas roupagens. O presente trabalho se propõe a discutir sobre a participação discente no processo de construção de seu próprio conhecimento, não como mero expectador de uma aula expositiva centralizada na figura docente, mas como protagonista, atuando de forma ativa no processo de ensino-aprendizagem. Propõe-se a discutir, ainda, a importância do estágio supervisionado na formação docente, ainda mais no contexto remoto, bem como a refletir sobre as mudanças necessárias que irão emergir a partir da experiência vivenciada no período pandêmico.

Palavras-chave: Autonomia. Ensino-Aprendizagem. Motivação.

Eixo Temático: Eixo 11- Ensino à distância e ou Tecnologias na Educação.

INTRODUÇÃO

O ano de 2020 foi atípico para todos os setores da sociedade, uma pandemia instaurada que exigiu das pessoas o afastamento físico. Na educação não foi diferente, as aulas presenciais comprometem a saúde de servidores e alunos, além da família de todos esses envolvidos. Para tanto, estabeleceu-se a suspensão do calendário escolar e todas as

1 Acadêmica, Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Realeza, milena.pastoini2016@gmail.com

2 Graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Realeza, felichakandressa@gmail.com

3 Professora Doutora, Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Realeza, barbara.lima@uffs.edu.br

4 Professora, Secretaria da Educação e Esporte – PR, rosemari.moura@escola.pr.gov.br

atividades presenciais, a fim de diminuir a proliferação do novo Coronavírus. No estado do Paraná, essa suspensão aconteceu por meio do decreto nº 4258 de 17 de março de 2020, suspendendo aulas da rede pública e privada, incluindo instituições de ensino superior ligadas ao estado (PARANÁ, 2020).

Para garantir a continuidade das aulas, diversas instituições e secretarias de educação adotaram o ensino remoto emergencial. Conforme aponta Senhoras (2020), a adoção dessa modalidade garantiu a continuidade dos estudos nesse tempo caótico, mas os resultados do aproveitamento só poderão ser medidos a longo prazo. Sendo assim, ainda há muito o que se discutir sobre essa modalidade, do aproveitamento das aulas e, principalmente, das condições de acesso por parte de alunos e professores.

A pandemia trouxe à tona e expôs muitas das desigualdades sociais que já existiam (que às vezes passavam despercebidas) e muitos dos problemas que a escola já enfrentava há bastante tempo. Diante do que estamos vivenciando, uma das grandes problemáticas enfrentadas é a falta de participação dos alunos em aula.

A adoção dessa nova modalidade já completou aniversário, mas permanecem as mesmas dificuldades quanto à participação e interação discente - alunos que pouco respondem às atividades, não interagem em aulas, nem ligam suas câmeras. Esse comportamento é muito prejudicial, pois professor e aluno perdem o contato visual e a aula torna-se uma grande exposição de conteúdo, sem diálogo e sem construção.

Claro, não podemos simplificar a discussão, deve-se levar em conta que muitos discentes não possuem os equipamentos adequados, nem mesmo a conexão necessária para uma aula de qualidade, ou até mesmo alguns ficam constrangidos em “mostrar” parte de sua moradia.

Alguns alunos estão sem acesso aos recursos necessários para acompanhar as aulas, e os alunos que têm esse acesso necessitam gerenciar o tempo de estudos e precisam de um esforço maior para poder aprender, mas nem sempre isso acontece. Contudo, o contato, a conversa e o olho no olho são pontos primordiais para a educação, e por isso, muitos professores têm produzido materiais, dos mais variados formatos, para incentivar a participação e motivação dos alunos.

O desenvolvimento do estágio supervisionado em Biologia II, aconteceu em uma turma do 3º ano do ensino médio, no turno matutino, em um colégio estadual localizado no município de Ampére, interior paranaense.

Os alunos que optaram e tinham condições de participar das aulas síncronas, acessarem a partir do Google Meet, a nova sala de aula. Aos alunos que não possuíam acesso à internet foram disponibilizadas atividades impressas, juntamente com material didático para consulta. Durante o período de estágio nos responsabilizamos apenas pela ministração das aulas síncronas com os alunos que acessavam a plataforma.

Diante das dificuldades encontradas durante esse período, o objetivo deste trabalho é investigar e discutir a respeito da participação e interação discente nas aulas e os prejuízos que a falta dela pode ocasionar.

PROBLEMÁTICA INVESTIGADA NO DECORRER DO ESTÁGIO

O primeiro contato que tivemos com a turma foi através das aulas de observação, nesta já pudemos verificar que a participação dos alunos era muito baixa. Houve momentos da aula em que a professora estava explicando e fazia questionamentos para os alunos, mas não obtinha nenhuma resposta ou interação, o que nos angustiava profundamente. Os alunos ainda estavam ali? Estavam prestando atenção ou entendendo alguma coisa do conteúdo?

Desta maneira, ainda na primeira semana de regência disponibilizamos no Classroom uma atividade que consistia em uma forma dos alunos de apresentarem, falarem de seus gostos, hobbies, pretensões para o futuro e onde poderiam expor sua opinião a respeito das aulas, fazendo sugestões de atividades que, no ponto de vista dos alunos, eram necessárias para que a aula fosse proveitosa e que houvesse uma maior participação em sala.

Essa estratégia foi um primeiro movimento para buscar interação dos alunos, entendendo aquilo que Morales e Alves (2016) afirmam, ao se apoiarem nos escritos de Rubem Alves (2001), que o desinteresse pode ser motivado pela falta de um ensino bem contextualizado: “Receitas aprendidas sem que vá fazer o prato são logo esquecidas. A memória é um escorredor de macarrão.”

Durante as aulas buscamos adotar a contextualização dos conteúdos e trazer algumas estratégias propostas pelos alunos. Contudo, apesar dos esforços, a participação e interação nas aulas não acontecia de forma ativa. O silêncio dos alunos muito nos angustiava e causava apreensão, de modo que partimos para a prática *dedocrática*, onde chamávamos de forma aleatória algum aluno que estava presente na aula. A ideia era que o

discente nos ajudasse na aula, fazendo comentários, colaborando na resolução de algum exercício e só assim o silêncio constrangedor era momentaneamente interrompido.

A prática *dedocrática* é, na realidade, arbitrária, pois a participação e interação não parte de forma orgânica dos discentes, mas de modo vertical, colocando o docente em posição a dar ordem aos alunos. Claro, os alunos não eram colocados contra a parede quando chamados, existia ali afeto ao conversar com os alunos, buscando não os constranger. Mas, sem serem chamados, os alunos não interagiam.

Em outro momento, postamos uma questão no *classroom*, com o objetivo de escutar os alunos sobre as aulas de regência, saber o que poderíamos fazer para a aula ser mais interessante e participativa. O que foi possível observar é que os alunos não tinham reclamações quanto às metodologias adotadas, até elogiavam o andamento das aulas, e relataram que faltava a participação deles próprios. Mostrando-se cientes que faltava iniciativa por parte dos alunos.

ANÁLISE DA PROBLEMÁTICA

Apesar dos esforços, a participação dos alunos não aconteceu da maneira esperada. Mesmo os consultando e utilizando recursos os quais eles preferiam, buscando trabalhar com afetividade e compreensão, o silêncio reinava. E o que esse silêncio quer nos dizer?

O desinteresse e apatia na educação não são temáticas novas que apareceram com o advento do ensino remoto emergencial, pelo contrário, eram discussões antigas, e o que vemos é a potencialização dessas problemáticas nesse período de distanciamento. Em uma sala de aula presencial, ainda é possível ter contato visual com os alunos, empregar um esforço maior para cativar a atenção dos discentes. Todavia, no formato remoto é impossível garantir o básico - que os alunos estejam acordados durante a aula.

Essa característica de aluno expectador é bem pontuada por Carvalho e Pimentel (2020), um aluno que assiste a exposição do professor, não modifica as aprendizagens e está bem inserido e acostumado com a educação bancária. Os autores propõem uma mudança de paradigma na atuação docente, isto é, promovendo atividades que alterem a perspectiva do aluno espectador e o coloque no papel de autor. Autor do que? Do seu próprio conhecimento.

Sabemos, é claro, que para que os estudantes sejam autores de seu próprio conhecimento, é fundamental que haja no sujeito a vontade de aprender, pois essa construção é uma via de mão dupla. Como aponta Kupfer (1995, apud PEZZINI; SZYMANSKI, 2007), “o processo de aprendizagem depende da razão que motiva a busca pelo conhecimento”. Sem compreender as próprias motivações da busca pelo conhecimento, do esforço em participar e interagir na construção da sua aprendizagem, o aluno não terá motivo algum para se colocar como autor.

Eis que nos encontramos em um delicado ponto: quem é o responsável por mostrar a responsabilidade dos alunos? Quem deve criar uma cultura de autonomia na aprendizagem? Não existe um único responsável para essa grande tarefa. Contudo, é claro que a escola e os docentes devem contribuir, e muito, para o desenvolvimento dessa responsabilidade e autonomia, para a compreensão da importância da construção do conhecimento. Autonomia e responsabilidade não são inatas aos alunos, são compreendidas, criadas e - diríamos até - treinadas e aprimoradas.

Se enfrentamos essa falta de interesse é porque reproduzimos ciclos e mais ciclos de uma educação bancária, centralizada na figura docente e que pouco, ou nada, desenvolve a autonomia dos alunos. Esse ciclo não será rompido do dia para a noite e nem em um momento pontual como o estágio supervisionado. Todavia, precisamos urgentemente alterar nossas práticas, rever conceitos e estimular que nossos alunos se tornem autores de seu conhecimento.

Essa mudança está pautada em um processo de reflexão que parte do professor, não se tratando de uma simples alteração de atividades, mas em uma revisão de suas próprias concepções sobre o que é ensinar e aprender, sobre as metodologias de ensino adotadas, sobre o que é a própria profissão. É fato que não é um processo simples e rápido, é dependente de uma formação contínua e de muita persistência e resistência para se romper com esses ciclos.

Há de se levar em conta a necessidade iminente de uma maior participação familiar, como um esforço coletivo para o processo de construção do conhecimento, do desenvolver da autonomia e da própria cobrança por uma educação democrática. No processo de ensinar e aprender é preciso compartilhar responsabilidades e unir forças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido à urgência do momento, tivemos que nos adaptar aos trancos e barrancos ao uso de tecnologias da informação e comunicação, mesmo não possuindo formação para tal. Desta maneira, é importante que toda a comunidade escolar busque ações e planejamentos que viabilizem cada vez mais a educação remota e a participação do aluno em sala, objetivando com isso, que o aprendizado ocorra de uma maneira mais significativa e democrática.

Essa nova forma de trabalhar, que é a única que nos garante segurança até que todos estejam vacinados, exigiu muito mais dos docentes, que precisam utilizar de diversos recursos para que o engajamento nas aulas se perpetue, e que haja uma aprendizagem significativa.

O aprendizado que obtivemos neste estágio foi grande e uma experiência única. Esse momento da nossa graduação nos mostrou o quão importante a educação presencial é na vida escolar como um todo. As limitações deste estágio nos mostraram que nem mesmo a tecnologia e o conforto em casa são suficientes para o aprendizado do aluno, é imprescindível que haja o interesse docente em participar de modo ativo.

Mas devemos ter em mente que os aprendizados desse momento devem ser levados e trabalhados quando voltarmos a forma presencial de escola. O que iremos modificar em nossas práticas com o retorno presencial? Passar por tudo isso, com todas as pedras no caminho e dificuldades, para voltar aos mesmos moldes, será passar em vão.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Felipe; PIMENTEL, Mariano. Atividades autorais online: aprendendo com criatividade. **SBC Horizontes**, nov. 2020. ISSN 2175-9235. Disponível em: <<http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2020/11/atividadesautorais/>>. Acesso em: 24 mai. 2020.

MORALES, Marcia de Lourdes; ALVES, Fábio Lopes. O desinteresse dos alunos pela aprendizagem: uma intervenção pedagógica. **Cadernos PDE**, Curitiba, v. 1. 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_ped_unioeste_marciadelourdesmoraes.pdf . Acesso em: 20 de abr. de 2021.

PARANÁ, **Decreto N°4258**, Art. 8. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=391068>. Acesso em: 04 de março de 2021.

PEZZINI, Clenilda Cazarin; SZYMANSKI, Maria Lidia Sica. Falta do desejo de aprender: causas e consequências. In: SEED/PR. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**. PDE 2007/Produção Didática. Curitiba: SEED/PR, 2011, v. II, p. 21-43. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/853-2.pdf>>. Acesso em: 24 mai. 2021.

SENHORAS, Eloi Martins. Coronavírus e educação: análise dos impactos assimétricos. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 2, n. 5, p. 128-136, mai. 2020. ISSN 2675-1488. Disponível em: <https://revista.ufr.br/boca/article/view/Covid-19Educacao/2945>>. Acesso em: 24 mai. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.5281/zenodo.3828085>.